

# Sumário

Estado de Minas - Pág.12 - 30/07/2017

Códigos por trás da tela



LINGUAGEM

# Códigos por trás da tela

**JUNIA OLIVEIRA**

O fundador da Microsoft, Bill Gates, teve acesso pela primeira vez ao computador aos 13 anos. O do Facebook, Mark Zuckerberg, aos 11. Jack Dorsey, do Twitter, aos 8. Hoje, costuma-se dizer que as crianças já nascem na frente dele. Diante de tanta intimidade, escolas têm apostado em fazer a meninada não apenas usar, mas entender o que há por trás da tela ao inserir na grade curricular a programação. Assim, códigos ou, como diz Bill Gates de forma simplificada, o processo de adicionar e subtrair, passa a fazer cada vez mais parte do cotidiano de estudantes. Fora da educação formal, cursos também oferecem opções para os pequenos e os adolescentes interessados em, quem sabe um dia, se tornar um gênio digital.

No Colégio ICJ, no Bairro Nova Suíça, na Região Oeste de Belo Horizonte, a história está sendo abordada em sintonia com a linguagem HTML para os alunos do 8º ano. Eles foram convidados a "sair da Matrix". O professor Frederico Silva Perpétuo, formado em história e atualmente também estudante de ciência da computação, explica: "Quando começo com uma turma, faço uma reflexão sobre a história, principalmente com os mais novinhos, que acre-

ditam ser ela uma verdade. No filme, quando o personagem principal é libertado da Matrix, ele percebe que vive num mundo de ilusão, feito de computadores e onde seres humanos são combustíveis para máquinas. A construção do conhecimento e a história são versões, narradas pelo ponto de vista de alguém. A proposta é tirar os meninos da Matrix e mostrar o que há por trás da tecnologia".

**HISTÓRIAS** No projeto Diário de bordo, os estudantes vão escrever as histórias deles na escola por meio de uma mídia – o computador –, e por meio de duas linguagens básicas de programação, base para qualquer site, de acordo com o professor. O aluno César Augusto Oliveira Marciano, de 13 anos, diz que "a tecnologia estimula a estudar mais e a aula flui melhor". O colega dele Gabriel Drumond Mancosu da Silva, também de 13, diz que a experiência é inédita. "Computador é a maneira a que estamos acostumados a viver, tem mais a ver com a gente. Faz a diferença. Até o jeito de o professor falar, mais descontraído, ajuda a concentrar e a adquirir mais conhecimento", afirma. Mas o garoto não abre mão do básico: "O bom é isto: misturar a fala do professor com a tecnologia, pois sem escrita não tem como aprender".